

## RESENHAS

**BURIGO, Juliana. CORDOVA, Dayana Zdebsky (orgs.). 2015. *Conversas sobre arte*. Curitiba, Brasil [2009 - 2013]. Curitiba: Máquina de escrever. 340 pp.**

GERCIANE MARIA DA COSTA OLIVEIRA

Pensar as questões da arte contemporânea com os criadores implica tomar um percurso que se desloca da centralidade do objeto artístico para as condições próprias da produção, do fazer estético. Para além desse, outros itinerários seriam possíveis. Partir da obra, da abordagem de suas características intrínsecas, de sua linguagem ou dos intermediários, observando a condição de distribuição e circulação das obras operadas sob o regime da comunicação ou ainda, do público, considerando a progressiva inserção desse elemento na realização da obra e na sua significação.

No entanto, a ação cada vez mais polivalente do artista, característica da arte contemporânea que se trama em rede, tem colocado esse agente como informante privilegiado do sistema artístico, na perspectiva de que os produtores assumem uma visão global do processo de produção das obras, tanto a material como a simbólica. Neste sentido, tomar o ateliê como ponto de partida da reflexão não significa negligenciar os aspectos da mediação e da recepção artística, mas representa tratar esses polos a partir de suas interconexões e articulações.

O livro *Conversas sobre arte*, organizado por Juliana Burigo e Dayana Zdebsky, publicado em 2015 pela editora Máquina de Escrever, assume bem esta perspectiva. A obra se organiza em torno de entrevistas realizadas com um crítico, um galerista e sete artistas residentes em Curitiba, de projeção local e nacional, que elencam experiências de sobreposição de papéis dentro do próprio circuito artístico ou entre os campos da arte e do ensino.

Dividido em treze capítulos, com 340 páginas, o livro traz a apresentação de Fernando Burjato, dois textos das organizadoras que introduzem a obra, nove entrevistas e um capítulo final que explicita os procedimentos da edição do livro. Os entrevistados são: Tony Camargo, Carina Weidle, Artur Freitas, Cleverson Oliveira, Marco Mello, Eliane Prolik, Geraldo Leão, Fábio Noronha e Rossana Guimarães.

No que diz respeito à apresentação dos artistas, os dados biográficos e de carreira aparecem de modo mais esmiuçado no desenrolar de cada entrevista, porém, é possível ter informações gerais sobre os entrevistados no texto introdutório de Juliana Burigo, com base na breve indicação das atividades desenvolvidas por esses artistas (crítico, professor, galerista, historiador e outros).

A utilização das imagens na composição do livro, por sua vez, é um ponto alto da obra. Tendo em vista que as discussões versam sobre o campo das artes visuais, o modo como os elementos imagéti-

cos são tratados e mobilizados pela organização expressam a compreensão do estatuto particular desse recurso. As imagens não são postas de forma meramente ilustrativa, mas elas trazem um argumento próprio dentro da discussão. Como afirmam as organizadoras, “a escolha de apresentar, junto ao texto, imagens de obras desses artistas vem da vontade de dar mais sabor ainda para a leitura, de recheá-la e, também, de trazer ao leitor um conteúdo paralelo, mas que é o principal ingrediente das escolhas que agrupam – suas obras” (p. 334-335).

Respeitando a ordem cronológica da realização das entrevistas (2009-2013), a disposição dos diálogos é feita de modo linear, o que empresta um caráter fluido ao seguimento das reflexões, ao avançar e retornar a temáticas de maneira aleatória, fator que evoca a situação de uma conversa. Como a organização justifica, a opção por guardar a sequência das datas em que ocorreram as entrevistas responde ao desejo de apresentar as falas sem propor interferências, apontar evoluções ou elaborar narrativas e sequências de pensamentos.

A condução do diálogo feita pelas organizadoras apresenta o que Juliano Burigo considera de visões complementares, no sentido de que ela problematizaria as “questões artísticas e das obras” e Daiana Zdebsky perscrutaria as “relações culturalmente estabelecidas entre obras e personagens” (p.25). Esta dinâmica guiará o desenvolvimento de cada entrevista.

Na primeira entrevista, com o artista Tomy Camargo, questões como as injunções do mercado sobre o artista, tensões existentes entre os agentes e profissionais do campo da arte na realização da obra, diálogo das produções artísticas contemporâneas com a história da arte e o papel dos museus na distinção do objeto artístico aos “comuns” são levantadas. Refletindo sobre a relação entre arte e vida, tão problematizada pela arte contemporânea, o artista pondera: “Portanto, a arte acompanha, mas não pode ser a vida em si e, ao ser confundida com a vida, inclusive e automaticamente, deixa de ser arte” (p.65).

A artista e professora universitária Corina Weidle se volta para os aspectos mais subjetivos do seu processo. Reportando a sua estadia em Londres, a artista fala do seu fluxo de criação, da sua intenção figurativa inicial que persiste, mas que se transmuta ao longo da sua carreira. Evidenciando o papel da memória na experiência e no trabalho do produtor, Carolina Weidle aborda a sua relação com a imagem do “rodajato”: “ela é uma imagem vinda da infância que funciona, pelo menos para mim, como uma espécie de diagrama” (p. 79). Problematizando a autonomia da obra ao contexto de exposição, a artista afirma que a instalação se apresenta como uma decorrência do trabalho e de que, apesar de considerar a interferência do espaço sobre a obra, a existência de uma lógica interna (objeto artístico) e de uma lógica externa (espaço de exposição) as tornam independentes.

Dentre os diversos aspectos levantados na conversa com Airton Freitas, crítico, historiador e professor universitário, a relação entre arte e moral assume destaque. Como o campo da arte contemporânea nos últimos anos tem legitimado práticas que transgredem regras jurídicas, “validando a possibilidade de fazer intervenções na vida social em que o acordo está explícito apenas de um lado: o lado do criador, do performer” (p. 110). O diálogo que se estabelece sobre este ponto leva o leitor a pensar sobre a ideia de uma autonomia penal da produção de bens simbólicos. Mais uma vez, o mote entre a permeabilidade de arte e vida se apresenta.

Manifestando, por vezes, uma tônica crítica, a entrevista com Cleverton Oliveira assinala para o fazer artístico diante de relações de mercado. Estabelecendo em certos pontos (como política cultural, a inserção dos artistas no comércio de arte e outros) um paralelo entre o Brasil e os Estados Unidos, país em que o artista residiu desde a década de 1990, Cleverton Oliveira denota, em vários trechos de sua fala, como o campo artístico se encontra atravessado por correlações de poder e como os artistas têm se inscrito no interior desta dinâmica. Ao relatar as mudanças políticas e culturais que se processaram nos Estados Unidos, intensificadas nos anos do governo George Bush, o artista descreve como a conformação desse *ethos* afetou a esfera da produção artística. Em suas palavras, “esse universo todo que o Warhol viveu acabou, a cidade varreu o mundo dos loucos e boêmios, a liberdade dos indivíduos” (p. 145).

Marcos Silveira Mello, em sua entrevista, oferece uma perspectiva do sistema das artes pelo ponto de vista do intermediário, do galerista. Considerando o papel importante que a mediação assume na constituição da valoração não só financeira, mas simbólica da obra, Marcos Mello narra os desafios encontrados ao instalar um espaço de venda exclusivo para arte contemporânea, nos anos de 1990, em Curitiba. Isto se deve às condições do mercado de arte contemporânea em geral, onde a oferta é indefinida, e os critérios de julgamento não estão claramente postos, como ocorre no mercado de arte classificada. Entre assuntos como o lugar do intermediário na projeção de artistas, o galerista tece considerações sobre os critérios que definem o que é uma obra artística. Para ele, “os objetos de arte – em minha compreensão, afinal são os meus critérios que estão sendo convocados – são itens excepcionais, eles são um enquanto são também outro. Arte é o território que abriga as realidades extraordinárias, compostas de coisas que são e não são o que são” (p.164).

A conversa com Eliane Prolik oferece, por meio da narrativa de sua carreira, um histórico interessante do campo das artes curitibano ao leitor ao abordar os movimentos e coletivos locais dos quais integrou. Um aspecto que se sobressai na sua fala é a atribuição da importância do estado no fomento da produção local. Seja via editais ou na formação de acervos públicos, as políticas culturais são constitutivas do cenário artístico. A artista relata, ainda, a sua experiência na aquisição de obras para os acervos públicos para instituições, como a Fundação Cultural de Curitiba.

A relação entre artista e mercado é posta sob uma ótica de menor conflito por Geraldo Leão. Para o artista, a produção estética, ao longo de sua história, precisou conviver com as injunções do comércio de obras, tendo em vista que 90% das obras mais celebradas no universo artístico foram realizadas sob encomendas, do mecenato da Igreja ou do Estado. Neste sentido, o artista considera: “mercado é um problema quando não vem posteriormente ao trabalho” (p.214) e “o mercado é um dos elementos que o artista dialoga” (p. 217). Sua fala é bastante profícua para compreender a emergência do comércio de arte no Paraná.

A dupla posição ocupada por Fábio Noronha como artista e professor/pesquisador se manifesta na entrevista como um tema central. A questão suscita pensar nos modos de circulação do fazer artístico paralelos ao circuito oficial, mas que não lhes são completamente alheios. Com efeito, a prática artística institucional, baseada na atuação docente e de pesquisador, ativa outras redes de agentes que conformam espaços de trocas potentes para o “artista/pesquisador”. Ampliando a visão de um *locus*

único de circulação, nesta entrevista se assinala para o trânsito das produções estéticas via mercado e via academia.

A última entrevistada, Rossana Guimarães, fala de sua obra e do seu processo, do seu pioneirismo nas performances em Curitiba na década de 1980 e da relação mercadológica da sua produção com as galerias do eixo Rio-São Paulo. Tocando na questão da excessiva permeabilidade entre arte e vida no regime contemporâneo, Rossana destaca a necessidade de o artista ser fiel a si mesmo em seu fazer. Sobre a criação e o desdobramento de ideias já existentes, ela assinala para a possibilidade de tomar uma dessas vias, “(...) acredito que existem dois tipos de artista no mundo, existem aqueles que criam e aqueles que desenvolvem, que são bons desenvolvedores de ideias” (p. 323). Contudo, ao tomar a poética de um trabalho como influência é uma questão ética creditá-lo.

Em suma, o referido trabalho é bastante instigante, tanto pelo seu formato dialogado quanto pelas temáticas que toca. Na esteira das trajetórias individuais dos artistas, na narrativa de seus processos de criação e na significação de suas obras, temáticas amplas da arte contemporânea são postas, envolvendo o leitor de maneira leve e quase que despreziosa.

*Gerciane Maria da Costa Oliveira é doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFRSA).*

RECEBIDO: 02/03/2017

APROVADO: 09/12/2017